

«Oração, ensino e sacrifício: o triplo apostolado da Companhia» — um novo apelo num mundo «líquido»?

«Rezar, ensinar, sacrificar-te, para que todos conheçam e amem Jesus. Rezar, ensinar e sacrificar-te, para restaurar em Cristo Jesus todas as coisas,

Rezar, ensinar e sacrificar-se, para educar... segundo os ensinamentos de Teresa de Jesus»
(EEO II, 536)

Vivemos a nossa vocação de formar Cristo na mente e no coração, entregando as nossas forças e toda a nossa vida para difundir o conhecimento e o amor de Jesus por todo o mundo, através da oração e da educação. A missão, que partilhamos com aqueles que participam no carisma teresiano, abrange toda a nossa vida: o relacionamento de amizade com o Senhor na oração, o sacrifício como entrega incondicional a todos e o compromisso de educar segundo o espírito de Teresa de Jesus
(Art. 5, Constituições STJ)

Vivemos a nossa vocação de formar Cristo na mente e no coração, dedicando as nossas forças e toda a nossa vida a difundir o conhecimento e o amor de Jesus por todo o mundo, através da oração e da educação. A missão, que partilhamos com aqueles que participam no carisma teresiano, abrange toda a nossa vida: a relação de amizade com o Senhor na oração, o sacrifício como entrega incondicional a todos e o compromisso de educar segundo o espírito de Teresa de Jesus.
(Art. 5.º, Constituições STJ)

INTRODUÇÃO

Voltar às origens implica não só olhar para trás, para «as fontes» do carisma fundacional da Companhia de Santa Teresa. Implica voltar e reler o que o Fundador pretendia para aquelas primeiras teresianas, e tentar traduzi-lo, decifrá-lo, para as teresianas de hoje, nos contextos do presente vertiginoso que nos cabe viver.

Por isso, nesta ficha n.º 7, queremos tentar refletir sobre o «triplo apostolado» da Companhia: **oração, ensino e sacrifício**, perguntando-nos como traduzi-lo, vivê-lo e até oferecê-lo como «alternativa» a uma sociedade pós-moderna, «líquida», que coloca enormes desafios à vida de fé e de seguimento de Jesus. O que entendemos nós, e o que entende a gente de hoje por «oração», «ensino» e «sacrifício»?

Convidamo-vos a entrar descalços nesta ficha, pedindo ao Senhor uma grande dose de humildade para não darmos «como certo» o que já sabemos sobre o triplo apostolado da Companhia, mas para o podermos redescobrir a partir da realidade desta sociedade pós-moderna da qual fazemos parte.

PREPARAMOS O CORAÇÃO

Nesta secção, apresentamos alguns textos que nos ajudarão a «aquecer o coração» e a prepará-lo para duas coisas: em primeiro lugar, para uma REFLEXÃO PESSOAL sobre os «significados» que, até agora, atribuímos ao «triplo apostolado» da Companhia. Em segundo lugar, para preparar a nossa partilha no encontro comunitário com alguns textos que, a partir de outra perspetiva, nos falarão do que hoje outros autores podem entender por cada uma destas palavras: «oração», «ensino», «sacrifício».

1.O triplo apostolado: A partir da História da Companhia:

Nos seus apontamentos pessoais, Enrique de Ossó, ao referir-se ao objetivo da Companhia, expunha: «O nosso pedido e desejo mais ardente: ser as primeiras a conhecer e amar Jesus, Teresa, Maria, José e São Francisco de Sales. Zelar pela glória de Deus através da salvação das almas. Ser santas e sábias como Santa Teresa de Jesus, para, com a sua virtude e sabedoria, atrair todos os corações para o amor de Jesus»... O Diretório Provisório, documento importante para a Companhia, antes da entrega das Constituições, definia o fim: «Não só trabalhar com empenho na própria salvação e perfeição com a graça de Deus, mas zelar pela maior honra de Cristo Jesus com sumo interesse, difundindo o conhecimento e o amor por todo o mundo através do apostolado da oração, do ensino e do sacrifício.» [1]

O zelo apostólico é a expressão do amor sponsal nos documentos. O amor a Jesus Cristo é o ponto de partida para zelar pela Sua honra. O amor implica conhecimento através da oração.

O ensino foi o instrumento que inspirou Enrique de Ossó a alargar o reino, a par do sacrifício, entendido mais como uma renúncia implícita no próprio ensino, tanto mais que este não se limita a um lugar, mas tem como horizonte o mundo inteiro. O sacrifício traduz-se em desapego, desenraizamento, disponibilidade, formação contínua e renúncia diária. [2]

Primeira pausa reflexiva

Como é que tenho compreendido, até HOJE, este triplo apostolado da Companhia?

Como tenho vivido até hoje a minha vida de oração, a minha missão de educadora e a dimensão do «sacrifício»?

2.«Oração», «ensino», «sacrifício»: outras vozes...

A seguir, apresentamos os textos abaixo («outras vozes»), para reflexão pessoal. O essencial aqui é sublinhar o que nos surpreende, assinalar o que nos confirma, anotar o que nos confronta, com vista a uma posterior conversa em comunidade.

A Oração, segundo Hans Küng [3]:

Não, como homem esclarecido do século XXI, não preciso de ter vergonha de rezar. É claro que rejeito a oração egoísta, que coloca em primeiro lugar a mim próprio e os meus desejos, as minhas necessidades e os meus pedidos, e identifica a minha causa com a causa de Deus. Nem sequer tenho pensamentos ingénuos sobre uma «intervenção» sobrenatural de Deus no mundo. No entanto, Deus está acima ou ao lado do mundo e de mim próprio. Ele não quebra milagrosamente as leis da natureza a partir do exterior porque eu lho peço, Ele não joga aos dados fora das suas próprias regras... O amor precisa de afirmações de amor se quiser continuar vivo; da mesma forma, a fé precisa de testemunhos de fé se não quiser perecer. E quando digo a Deus simplesmente «creio em ti», então rezo.

Quem, caminhando com retidão, sem hipocrisia, já apresentou a sua própria oração de súplica a Deus... já experimentou que se sai da oração de uma forma diferente daquela com que se entra; que os seus desejos e as suas preocupações talvez sejam transformados...

Sim, é possível falar com Deus, de forma autocrítica, franca e modesta, com todos os tons e em todos os estados de espírito, felizes e descontentes, a rir e a chorar, exultantes e entediados, com serenidade e com impaciência. Não há necessidade de uma linguagem elevada, de um estilo sublime, de expressões sagradas, de formalidades nem de cortesias. Nenhuma palavra é demasiado simples e nenhuma frase é demasiado desajeitada para ser proferida, se eu me dirigir pessoalmente a Ele com ela. [4]

Sobre o «ensino» (alguns autores)

«A um homem pode ser-lhe tirado tudo, exceto a última das liberdades humanas: a escolha da atitude pessoal perante qualquer conjunto de circunstâncias. Quando um educador ou um guia enfrenta a dor, o cansaço ou a injustiça com dignidade e moderação, está a transmitir a lição mais transformadora possível. Os jovens não procuram discursos impecáveis; procuram referências reais que lhes demonstrem, com as suas próprias ações quotidianas, que a vida vale a pena e que mantém sempre um significado, mesmo no meio das tempestades mais sombrias» (Viktor Frankl)

«Se desejamos que os outros cresçam, a condição fundamental é que nós próprios amemos a vida e tenhamos fé nela. Não há maior força educativa do que o exemplo de uma pessoa que se ama a si própria e ama os outros em liberdade... Muitos educadores e pais acreditam estar a cumprir a sua função ao transmitir um conjunto de normas morais ou ordens intelectuais, enquanto as suas próprias vidas exalam amargura, vazio ou submissão automática. As crianças e os alunos absorvem, por uma espécie de osmose psíquica, a atmosfera viva do adulto. Não aprendem com os teus mandamentos; aprendem com a tua alegria, com o teu respeito pela individualidade deles e com a tua coragem para enfrentar a existência. Para seres um farol, a tua primeira tarefa não é moldar a mente alheia, mas sim estruturar com integridade o teu próprio ser.» Erich Fromm

«O ser humano aprende observando as mãos de quem trabalha, o olhar de quem consola, o passo firme de quem caminha em busca da justiça. As nossas ações diárias compõem o verdadeiro poema que os outros lêem em nós.»

Educar é espalhar o próprio coração pelo sulco dos dias. Se pedes paz, que as tuas mãos não semeiem discórdia nem no mais ínfimo recanto; se pedes beleza, que o teu relacionamento com os seres vivos seja puro e generoso. Não procures aplausos nem tronos de sabedoria. Sê como o pão, sê como a água do dia a dia: um elemento simples, honesto e presente, cujo maior ensinamento seja a verdade absoluta da sua existência». Pablo Neruda

E o «sacrifício»?

«E, ao exercerem estes dois apostolados, **sacrificar-se-ão pela salvação dos seus irmãos**, ou seja, exercerão o apostolado do sacrifício, que é o último, o mais perfeito e o mais sublime dos apostolados» (RT, fevereiro de 1878, em EEO III, 849).

«As mulheres da Companhia devem ser almas viris, esforçadas, desapegadas de si mesmas e de todas as coisas, **dispostas a qualquer sacrifício**». (EEO II, 98 e 215)

A palavra «sacrifício» tem hoje em dia conotações bastante negativas: auto-rejeição, esforço desumano para alcançar o impossível... padrões de «santidade» que já não têm qualquer razão de ser. Trata-se claramente de uma palavra própria da literatura espiritual do século XIX, característica de Enrique de Ossó e de todos os autores e autoras do século XIX. Mas na VC, o «sacrifício» tem sido entendido como «ascese». Palavra que, aliás, não tem qualquer relevância para a vida cristã de hoje, por ser já uma linguagem incompreensível para muitos. No entanto, remetemo-nos às opiniões de alguns autores que defendem que a ascese, mais do que uma ação da própria vontade «contra» a nossa própria natureza, é algo intrínseco ao ser humano que se esforça por crescer, superar-se, progredir e relacionar-se com os outros e com o mundo. Citamos Saturnino Gamarra [5]:

O verbo «askeín» e o substantivo «askesis» significam exercício. Originalmente, entende-se por «ascese» qualquer exercício, tanto no sentido físico-atlético como psicológico-moral (exercício da virtude, correção de um defeito, disciplina interior e exterior, etc.) (Gamarra, 282). Partimos de um facto que se revela significativo: a ascese, não tanto na sua terminologia como no seu conteúdo prático, é uma constante na história da humanidade. É tão antiga quanto a história do homem e tão atual quanto o homem de hoje. A explicação reside no facto de a ascese ser essencial à realização do homem. O homem não nasce completo; está também nas suas mãos a tarefa de se tornar quem é. E isto pressupõe orientar o potencial vital de que dispõe para objetivos ou metas concretas. Para tal, são absolutamente necessárias decisões firmes e inequívocas, que incluem o «sim» e o «não» na vida, de forma permanente. (Gamarra, 286).

A ascese não pode faltar em nenhum momento do processo de formação da pessoa. A sua presença é imprescindível. Nunca se deixa de se formar como pessoa e como cristão. «Ser e viver» em Cristo implica o dinamismo permanente de uma vida sempre nova, que não existe sem ascese. (Gamarra, 292)

São qualificados de «míopes», de «egoístas» e de «insensatos» aqueles que procuram o benefício pessoal à custa da exploração de outras pessoas e de outros povos. O cristianismo, que proclama, além disso, a fraternidade universal em Cristo, não pode admitir qualquer tipo de exclusão e deve apoiar as formas de solidariedade fraterna. Impõe-se a ascese da abertura para com os irmãos, que é própria de uma fraternidade verdadeira... A existência de pobres é hoje uma injustiça, uma vez que a humanidade dispõe de meios suficientes para garantir um nível de bem-estar adequado para todos. A falta de solução recai sobre todos, uma vez que os bens da criação devem estar à disposição de todos os homens. A ascese da solidariedade e da generosidade envolve todas e cada uma das pessoas, e todos e cada um dos coletivos (Gamarra, 295)

ENCONTRAMOS-NOS

Para o encontro comunitário, sugerimos colocar três cartazes com as três palavras «oração», «ensino» e «sacrifício». Uma vela, as Constituições e alguma imagem de situações do mundo atual.

1.Canto inicial: «Tudo por ti» (Ruah)**2.Ouvimos a Palavra de Deus: Isaías 58, 6-10**

O jejum que eu prefiro não será antes quebrar as correntes da iniquidade, soltar as amarras do jugo, libertar os oprimidos e quebrar todo o jugo?

Não será partilhar o teu pão com o faminto e acolher em tua casa os pobres sem abrigo? Ao que vires nu, veste-o e não te escondas de quem é da tua própria carne. Então a tua luz brilhará como a aurora, e a tua cura surgirá imediatamente; a tua justiça ir-te-á à frente e a glória do Senhor encerrará o teu caminho. Então clamarás, e o Senhor responder-te-á; pedirás socorro, e Ele dir-te-á: «Aqui estou». Se afastares do meio de ti o jugo, o apontar com o dedo e a calúnia, e ofereceres o teu próprio sustento ao faminto, e saciares a alma aflita, então a tua luz brilhará nas trevas e a tua escuridão será como o meio-dia.

3.Reservamos um momento de silêncio para assimilar esta Palavra.

Contemplamos as palavras colocadas no centro da sala onde estamos reunidas.

Deixamos ressoar aquilo que, antes deste encontro, tinha sido a nossa reflexão sobre os textos apresentados...

4.Começamos a nossa partilha:**• No que diz respeito à oração**

«A oração é a alma da Companhia, que lhe dá vida de fé; o seu fundamento, o seu sustento... Devem, portanto, procurar com todo o empenho ser almas de oração, mestras de oração» (EEO II, 43)

Do que lemos e refletimos sobre a oração, o que nos surpreende, o que nos confirma e o que nos interpela?

• No que diz respeito ao «ensino»

«Ensinar pelo exemplo, pela palavra. Como Jesus, que começou primeiro por agir e depois por ensinar. Assim também vós: primeiro fazer do que dizer; agir do que ensinar; praticar do que pregar: obras e palavras, e assim a palavra é eficaz.» (EEO II, 650)

Dos três textos que lemos sobre o ensino, que reflexões podemos partilhar? Como é que vivemos este tipo de «ensino» na nossa vida?

Com quem aprendemos... como ensinamos...?

- **No que diz respeito ao «sacrifício»**

«E, ao exercerem estes dois apostolados, sacrificar-se-ão pela salvação dos seus irmãos, ou seja, exercerão o apostolado do sacrifício, que é o último, o mais perfeito e o mais sublime dos apostolados» (RT, fevereiro de 1878, em EEO III, 849).

Esta forma de entender a «ascese», significa algo para mim? Como podemos interpretar (e viver) hoje este «apostolado do sacrifício»?

5. Depois de nos ouvirmos, deixamos que a palavra de cada uma ressoe no nosso íntimo... e AGRADECEMOS.

Numa atitude de oração, vamos dizendo em voz alta aquilo pelo qual estamos gratas neste «triplo apostolado» que Henrique de Ossó pedia às primeiras irmãs e nos pede a nós em cada um dos nossos contextos.

6. Encerramos o nosso encontro com o cântico:

«**Sem medo**», de Cristóbal Fones SJ



Brilha nos olhos um fogo que arde
e desperta uma chama no meu coração
A paz é nova e a alegria é maior
as mesmas cores, mas um sabor
diferente É o eterno que vem de ti
É o eterno que vem de ti
Hoje deixo para trás essa vida de sempre pongo-me
a caminho, dirijo-me para o fim O amor chama-me,
conheço o desejo
embora a honra pese na minha
vida. Torno-me mais livre à tua
procura. Torno-me mais livre à
tua procura

**Sem medo, abraço-te e sigo os
teus passos, procuro o caminho,
vou como peregrino. Sem medo,
confio na tua graça
Ponho-me a caminho, o teu amor basta- me.
Sem medo, abraço e sigo os teus passos
Procuro o caminho, vou como peregrino; sem
medo, confio na
tua graça. Pongo-me a caminho,
o teu amor acompanhar-me-á**

Este caminho, tal como muitos outros,
exige luta, não exclui a dor. Há espaço
para os meus desvios e os meus pés
cansados
E também aquelas vozes que me fazem
duvidar Mas, nas minhas noites, agarro-me a ti
Mas nas minhas noites, agarro-me a ti.
Vejo com mais clareza, tenho de estar atento
aos ventos que se enfrentam em guerra dentro de mim

Luzes, sinais, bandeiras opostas
Ofertas de glória e prestígio efémero
Não me acobardo, escolho o meu rei
Não me deixo intimidar, escolho o
meu rei Sem medo, abraço-te e
sigo os teus passos, procuro o
caminho, vou em peregrinação
Sem medo, confio na tua graça
Ponho-me a caminho, o teu amor basta-me
Sem medo, abraço-te e sigo os teus passos Procuro o caminho,
vou como peregrino; sem medo, confio na tua graça
Ponho-me a caminho, o teu amor acompanhar-me-á.

PARA APROFUNDAR

Para aprofundar, deixamos algumas referências que podem ajudar a explorar este tema do apostolado essencial da Companhia.

- 1.ª referência: Capítulo 17 de «De Volta às Origens»: «Oração, ensino e sacrifício». Neste capítulo, Carmen Melchor percorre a trajetória de como Enrique de Ossó cunhou este «triplo apostolado» da Companhia e desvenda o seu significado carismático. Páginas 445-471
- 2.ª referência: De José Ma. Castillo, excerto do livro «O futuro da vida religiosa. Das origens à crise atual».

Num mundo, numa sociedade e num sistema como os nossos, em que todos nos vemos inevitavelmente condenados a viver em constante tensão, devido às mil exigências e ofertas que o modo de vida que nos foi imposto acarreta, a grande contribuição dos primeiros testemunhos da vida religiosa tem agora uma atualidade que certamente muitos não imaginam.

O monge, o religioso, é a pessoa que nos interpela a procurar e recuperar a unidade perdida, a serenidade, o domínio de si, o silêncio, a liberdade, a disponibilidade... O que é determinante é a «ascese» no seu sentido profundo, que não é outra coisa senão saber renunciar a tudo o que nos coloca em tensão e nos divide, o que nos destrói por dentro, o que nos rouba a liberdade e a paz, o que torna impossível estarmos verdadeiramente disponíveis, seja para Deus (como viviam os antigos monges), seja para sermos mais úteis na hora de nos dedicarmos a algo que valha a pena, para que este nosso mundo seja diferente. É nisto que consiste o sentido radical da ascese e a sua vigorosa atualidade neste momento.

BIBLIOGRAFIA

1.EEO II, 407-414

2.História da Companhia de Santa Teresa de Jesus, Volume I, 118-119

3.Teólogo, nasceu a 19 de março de 1928 em Lucerna, na Suíça, e faleceu a 6 de abril de 2021 em Tübingen, na Alemanha. Um dos mais importantes teólogos do Concílio Vaticano II. Teólogo controverso, foi censurado por João Paulo II. Faleceu enquanto era sacerdote católico.

4.Hans Küng, A Oração e o Problema de Deus, Madrid 2018,

5.*Saturnino Gamarra*. Série de Manuais de Teologia. Teologia Espiritual, Biblioteca de Autores Cristãos, Madrid 1994. As páginas das diferentes citações devem ser indicadas entre parênteses imediatamente a seguir a cada parágrafo citado.